

## Amor e masculinidade nos estádios de futebol

Gustavo Andrada Bandeira

Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Resumo:** O futebol é um artefato cultural que ensina comportamentos, valores, modos de ser e estar no mundo... Nesse trabalho, se discute como as emoções e os amores associam se com construções históricas sobre o tema e são representados nos estádios de futebol e como atravessam as construções de masculinidades dos torcedores. Não se entende aqui as emoções ou o amor apenas como estados subjetivos e privados, mas como práticas discursivas envolvidas em relações de poder. Ao realizar a expressão pública dos sentimentos, os torcedores colocam em jogo o que é desejado de ser sentido ou o que pode ser entendido como emocionante nos estádios de futebol. O amor dos torcedores de futebol é um amor específico, em atuação. É um amor cantado, narrado e sentido de forma coletiva. Os torcedores amam juntos, amam com seus familiares, amam entre homens. Amam o clube, o time, os jogadores e a própria torcida.

**Palavras-chave:** amor, masculinidade, futebol

**Abstract:** Football is a cultural artifact that teaches behaviors, values, ways of being and living in the world... In this paper, it is discussed how emotions and passions are associated with historical constructions about this theme and how they are represented in football stadiums and affect the constructions of masculinity of the fans. Emotions or love are not understood here as subjective and private conditions, but rather as discursive practices involved in power relations. When publicly expressing their feelings, fans put into practice what is desirable to feel or what can be seen as exciting in football stadiums. With football fans, love is a specific, living feeling. It is a love that is singed, told and felt collectively. Fans love together, with their family, among men. They love the club, the team, the players and the following itself.

**Keywords:** love, masculinity, football

Só o futebol permite que você sinta aos 60 anos exatamente o que sentia aos 6. Todas as outras paixões infantis ou ficam sérias ou desaparecem, mas não há uma maneira adulta de ser apaixonado por futebol. Adulto seria largar a paixão e deixar para trás essas criancices: a devoção a um clube e às suas cores como se fosse a nossa outra nação, o desconsolo ou a fúria assassina quando o time perde, a exultação guerreira com a vitória. Você pode racionalizar a paixão, e fazer teses sobre a bola, e observações sociológicas sobre a massa ou poesia sobre o passe, mas é sempre fingimento. É só camuflagem. Dentro do mais teórico e distante analista e do mais engravatado cartola aproveitador existe um guri pulando na arquibancada (VERÍSSIMO, 2010: 25).

Talvez seja nessa camuflagem proposta por Luiz Fernando Veríssimo que esse e outros textos sobre o futebol se enquadram. O autor que inicia esse texto é um torcedor frequentador de estádio. Um apaixonado pelo clube/time e pelo futebol. Alguém que continua agindo de maneira infantil na relação com esse artefato cultural, que usa apenas a camiseta da sorte no estádio e um convicto de que sua atuação no estádio é a principal responsável pelos resultados das partidas.

Para além dessa relação camuflada e apaixonada, entendo o futebol como um artefato cultural que ensina comportamentos, valores, modos de ser e estar no mundo... Nessa perspectiva, o futebol é entendido como produtor de marcas culturais e não como reprodutor das mesmas. Nesse trabalho, pretendo destacar como as emoções e os amores associam-se com construções históricas sobre o tema e são representados nos estádios de futebol. De que forma essas representações atravessam as construções de masculinidades dos torcedores que frequentam os estádios.

Ao longo do século XX, o futebol construiu-se em um importante marcador da cultura brasileira podendo ser entendido como um dos principais símbolos da ‘identidade nacional’<sup>1</sup>. O futebol atravessa a construção da identidade brasileira e é uma forma de expressão dessa mesma identidade: “o futebol brasileiro pode (...) dizer algo sobre nós mesmos. Somos, portanto, o País do nosso futebol, dos nossos clubes, torcedores, dirigentes, jogadores e assim por diante” (DAMO, 2002: 152).

O recorte dessa investigação não se dá com qualquer torcedor de futebol, mas com os torcedores que frequentam os estádios. Com um conceito de educação ampliado, que não se restringe a práticas formais com a clara distinção entre professores e alunos, é possível afirmar que os estádios de futebol exercem uma pedagogia. É necessário ser socializado e passar por diferentes processos pedagógicos para aprender quando gritar, quando calar, o que gritar, o que calar, o que e como sentir... Assim como “un verdadero

espectador de telenovelas deverá formarse en años, no en semanas” (MIRZOEFF, 2003: p. 41), os torcedores de futebol que frequentam os estádios são produzidos ao longo de diferentes jogos e situações. Os cânticos repetidos, performances executadas e emoções explicitadas são didaticamente empregados, produzindo uma lógica de atitudes fundamental para o tipo específico de fruição dos espetáculos futebolísticos nos estádios.

Como lembra Arlei Damo “não é porque os estádios sejam espaços relativamente permissivos que aquilo que é expresso no seu interior seja um *non sense*” (2005: 415). Os estádios exigem um tipo de engajamento, uma vinculação emocional e a expressão de determinados sentimentos, “num estádio não se diz tudo o que se quer, senão que há códigos morais e estéticos relativamente precisos modulando a expressão pública dos sentimentos” (DAMO, 2005: 388). Esses sentimentos narrados atravessam as construções de masculinidades dos torcedores de um clube determinado e dos torcedores de clubes rivais. É possível perceber nas expressões públicas de sentimentos representações que hierarquizam os torcedores de clubes rivais. Essa hierarquização não ocorre em uma única via. Ao mesmo tempo em que torcedores adversários (bem como homens não heterossexuais) são diminuídos pela falta de um determinado ‘índice de virilidade’, torcedores da ‘nossa torcida’ poderão ser valorizados por amar mais ou por terem mais coração.

Em diferentes esferas da cultura, as emoções são narradas como condição de humanidade. Quem não possui os sentimentos adequados frente a um determinado fenômeno poderá ser adjetivado em casos mais graves de monstruoso. Ao mesmo tempo, o controle das emoções é recheado de valores positivos dentro de diferentes modalidades discursivas, desde o cristão que não se deixa cair em tentação até o centroavante que não teme o estádio cheio na hora da conclusão a gol. Não entendo as

emoções ou o amor apenas como estados subjetivos e privados, mas como práticas discursivas envolvidas em relações de poder. O entendimento de que o amor e as emoções não são naturais ou inatas não visa diminuir o envolvimento dos indivíduos ou mesmo as sensações viscerais como os choros, os enjôos ou as tonturas de uma partida de futebol.

### **Construindo as jogadas pelos flancos**

Sou daqueles que acreditam que a bola deve deixar a defesa e chegar ao ataque pelos flancos. Acredito que no centro do campo a partida apresenta dificuldades, não flui direito. O futebol serve para inúmeras metáforas no cotidiano dos brasileiros. Uma vez que ele é um tema comum e recorrente, o linguajar futebolístico ocupa diferentes espaços em nossa cultura. Acredito que a construção do conhecimento também acontece de forma mais produtiva nos ‘flancos do conhecimento’. Entendo que pelos lados conseguimos uma multiplicação de vozes e sentidos que o conhecimento ‘central especializado’ não permite.

Desde o flanco, é necessário marcar desde o início o pertencimento do pesquisador, pois a interpretação dos fenômenos não é neutra, ao contrário, “a interpretação será sempre, desde então, interpretação através do ‘quem?’; não se interpreta o que há no significado, mas, no fundo, quem colocou a interpretação. O princípio da interpretação nada mais é do que o intérprete” (FOUCAULT, 2000: 49). Por esse motivo o lugar de onde o pesquisador fala é definitivo para apontar uma direção ou outra. Desde a perspectiva pós-estruturalista e dos estudos culturais, a linguagem possui preponderância. Ela não apenas descreve os acontecimentos ela os produz. Essa produção, no caso do futebol acontece em diferentes âmbitos. Ao realizar a

expressão pública dos sentimentos, os torcedores colocam em jogo o que é desejado de ser sentido ou o que pode ser entendido como emocionante nos estádios de futebol.

Não são todos os torcedores de estádio de futebol que estão preocupados com as construções de masculinidades que ali ocorrem (provavelmente a ampla maioria deles nem considera essa possibilidade quando frequenta as arquibancadas ou cadeiras). Os problemas de pesquisa não existem dados nos estádios (e em nenhum outro contexto cultural). Com isso, penso ser fundamental a produção de um método de investigação específico, procurando ressaltar a forma de olhar e questionar as práticas como sendo a maior potência ou inquietação de uma investigação como essa.

Antes de seguir a explanação, entendo ser necessário marcar desde o início minha vinculação com as torcidas de futebol. O 'torcidas' no plural terá que ser substituído por torcida no singular, uma vez que como gaúcho e porto-alegrense, o sujeito pode torcer pelo Grêmio Foot-Ball Porto Alegre ou pelo Sport Club Internacional<sup>2</sup>. Eu sou gremista. Ao fazer essa explicitação construo uma tentativa de marcar meu envolvimento com o tema e alguns dos atravessamentos que me possibilitam questionar minhas próprias interpretações. Mais do que isso, essa localização possibilita ao leitor ou a leitora questionar e agregar a sua interpretação ao material que apresento.

Dentre as escolhas metodológicas permiti-me fazer alguns usos de uma etnografia pós-moderna, da forma como esta vem sendo utilizada em algumas pesquisas em educação, com observações participantes e a construção de diários de campo. Para a construção do material empírico, frequentei os estádios José Pinheiro Borda, Beira-Rio, do Internacional, e Olímpico Monumental, Olímpico, do Grêmio. Assumi, para além das transcrições e relações, um esforço em descrever os acontecimentos nos diários de campo (GEERTZ, 1989). O contexto de observação produz boa parte da experiência

que se tornará inteligível. Investiguei as torcidas da dupla Gre-Nal<sup>3</sup> nos dias de jogos e dentro dos seus estádios. Christian Bromberger salienta que durante as partidas (ou outros eventos esportivo) aparecem “as dimensões salientes da experiência social e cultural (a relação com o corpo, a afirmação das identidades, o lugar da competição nas sociedades contemporâneas, as novas formas de heroísmo...)” (2008: 241). Entendo os estádios de futebol como instituições que possibilitam determinadas práticas e inibem outras. Procurei visualizar nesse contexto as ações que produzem determinadas representações de masculinidades por esses sujeitos coletivos: ‘torcida<sup>4</sup> do Grêmio’ e ‘torcida do Internacional’

Ter frequentado os dois estádios se constituiu em uma escolha acertada. Mesmo que já tivesse frequentado diversos Gre-Nais (todos no Olímpico) e escutado diversos cânticos da torcida do Internacional, ouvi-los de ‘dentro’ foi uma experiência bastante distinta. Os cânticos tão comumente escutados no Olímpico adquiriram outro sentido no Beira-Rio. Definitivamente, cantar ou escutar o mesmo cântico são experiências bastante distintas.

Escolhi observar jogos da primeira fase do Campeonato Gaúcho por acreditar que eles são eventos de ‘menor excitação’. Como observa Arlei Damo, “é preciso estar atento, pois apenas alguns jogos são ‘absorventes’. Outros são ‘desinteressantes’ e há também os ‘meia-boca’, como dizem os torcedores” (2005: 404). A escolha pelos jogos “meia-boca” foi teórica e política. Entendo que esses ‘jogos comuns’ permitem enxergar o que se poderia chamar de ‘cotidiano’ dos estádios de futebol. Mesmo que os eventos em estádios do football association sejam sempre eventos extraordinários na vida diária dos torcedores e mesmo das cidades, alguns eventos poderão ser mais ou menos comuns. Jogos com menor público ou que o resultado seja mais previsível (mesmo dentro do imponderável ‘mundo do futebol’) ajudam a visualizar quais narrativas são

produzidas e qual o comportamento da torcida nessas partidas ‘menores’. Busquei com essa escolha indagar o que acontece nos jogos comuns, nas vitórias, jogos narrados pelo viés de apenas um clube. Jogos em que o adversário, supostamente, importa menos. Procurei pensar que emoções circulam e são narradas nos estádios em momentos de ‘menos emoção’.

Arlei Damo (2006) entende que o futebol se divide em quatro categorias de agentes: os profissionais, os torcedores, os dirigentes e os mediadores especializados. Os profissionais seriam os jogadores, treinadores e preparadores envolvidos com os jogos. Os torcedores se constituem no público que pode ser dividido em diferentes formas: se frequentam ou não os estádios; que locais dos estádios frequentam; se assistem aos jogos sozinhos ou em grupos; seu interesse ou envolvimento durante as partidas. Os dirigentes podem ser profissionais ou amadores filiados aos clubes ou as federações. Os mediadores especializados (ou simplesmente especialistas) são profissionais que trabalham na espetacularização do futebol e produzem narrativas sobre os eventos futebolísticos. Esses mediadores são responsáveis por grande parte dos espaços jornalísticos como a televisão, rádios e jornais impressos. Eles podem ser profissionais da comunicação ou ex-atletas e ex-dirigentes que teriam a função de ‘explicar’ os eventos para o público que de alguma forma não seria ‘apto’ a lê-los sozinho.

Para não ficar apenas com as minhas impressões sobre as manifestações dos torcedores, pareceu-me produtivo, também, observar jornais da cidade de Porto Alegre, nos dias de jogos e posteriores, com objetivo de observar como os especialistas ‘preparam’ o ambiente do estádio de futebol e depois como interpretam os fenômenos que lá ocorreram. A seleção desses diferentes materiais, as manifestações das torcidas nos estádios e os textos veiculados em jornais, pretendeu representar diferentes vozes

desse contexto. A ideia foi partir desses diferentes olhares para produzir outro olhar sobre as representações de amor e masculinidades que ali aparecem. Não tive qualquer pretensão de identificar quem ou que fonte manifestou impressões mais corretas dos cânticos, das atitudes, das palavras faladas, escritas, gritadas... mas, simplesmente registrar o que se diz ou o que é possível dizer sobre amor e masculinidades nesses espaços, registrar, enfim, que representações de emoções, de amor e de masculinidade circulavam neste espaço.

### **Em nosso meio de campo as emoções e o amor**

Dentro da análise culturalista, a representação possui uma esfera preponderante, ela é produtora de sentidos. A representação do amor não é a descrição sobre o que o amor é ou deveria ser. A representação opera, ela dá sentido. O que se diz sobre o amor é a forma de significação desse sentimento ou dessa emoção. Interessa menos ou não interessa verificar a veracidade dessas construções, mas descrever de que forma ditos sobre o amor aparecem em diferentes instâncias culturais. Em nossa cultura, a representação dominante do amor faz três afirmações sobre o que é ou seria essa emoção: ele é ou seria um sentimento universal, natural e presente em todos os espaços e tempos; ele é um sentimento desobediente a razão e de força incontrolável; o amor também “é condição *sine qua non* da máxima felicidade a que podemos aspirar” (COSTA, 1998: 13).

A expressão oral de sentimentos nas diferentes culturas não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos. Elas são inseridas dentro de um contexto simbólico que em alguns casos não deixará muitas alternativas para quem quiser associar-se a determinado grupo identitário que não seja sentir uma grande angústia ou uma grande felicidade diante de situações específicas. Geralmente, nas manifestações



coletivas é possível visualizar as ideias e sensações de uma determinada coletividade (MAUSS 1979). Nesse trabalho, as emoções não são entendidas apenas como algo inato ou natural. Na perspectiva da “antropologia das emoções”, elas estão associadas a uma interpretação e avaliação de um determinado estímulo que possui seu sentido construído historicamente, permeado por relações de poder. Como qualquer outro fenômeno cultural, as emoções são construções sociais, “não faz sentido (...) falar de emoções inatas e universais, idênticas através das culturas e através do tempo” (PUSSETI, 2006: 3). Assim como as diferentes sociedades produzem entendimentos coletivos que organizam e orientam as vidas individuais dos sujeitos, “ela também produz sentimentos coletivos, necessários para a manutenção do consenso social” (REZENDE, 2002: 71).

Pensar o amor como algo que é construído e atravessado por diferentes discursos não pretende ‘revelar a verdade sobre o amor’, mas colocá-lo dentro de aparatos discursivos, evidenciando o caráter histórico e, para esse trabalho, procurando evidenciar algumas das implicações nas construções de identidades de gênero sem, contudo, limitá-lo a isso. Mesmo sendo construídas, essas construções possuem implicações. Ao tirar o caráter transcendental do amor (e talvez de qualquer conceito) não se entende o amor como qualquer coisa e que qualquer definição sobre amor poderia ser uma definição suficiente.

É necessário um significativo repertório pedagógico para ensinar o que sentir frente as diferentes manifestações nos estádios de futebol, “saber amar é algo que se leva tempo para aprender” (KONDER, 2007: 153). É interessante verificar as reações dos sujeitos que vão sendo iniciados na participação nos estádios e também nos sentimentos pelos fenômenos que lá ocorrem. “O comportamento das crianças serve para ilustrar o fato de que as emoções clubísticas requerem uma modalidade de

educação sentimental” (DAMO, 2005: 389). O próprio amor ou admiração de determinadas espetacularidades são aprendidas/ensinadas pelos/aos sujeitos que se inserem nesse espaço de subjetivação

(...) para cada novo recém-chegado, o universo das práticas e dos espetáculos esportivos apresenta-se como um conjunto de escolhas previamente determinadas e de possibilidades objetivamente instituídas - tradições, regras, valores, equipamentos, técnicas, símbolos - que recebem sua significação social do sistema constituído por elas e que ficam devendo, em cada momento, uma parcela de suas propriedades à história (BOURDIEU 2007: 197).

Na representação de emoções e amores dos torcedores de futebol, o amor romântico ocupa um espaço preponderante. O encontro com o clube pode representar um “encontro de almas”, pode ser entendido como a construção de um sujeito completo. Como qualquer marcador identitário essencializador, torcer por um clube de futebol faz o inconstante sujeito múltiplo virar, no caso desse estudo, colorado ou gremista. Uma faixa no estádio Olímpico era bastante ilustrativa da ideia de completude que essa associação provoca “*sou gremista e me basta*”<sup>5</sup>, “em certo sentido, o indivíduo fragmentado torna-se inteiro” (GIDDENS, 2003a: 56). O amor ao clube realiza uma das principais plenitudes do amor, ele é da ordem do para sempre. Ele seria o espaço da realização da loucura do amor contemporâneo que seria “desejar um amor permanente, com toda a intensidade, sem nuvens ou tempestades” (PRIORE, 2006: 321).

As relações dos torcedores com seu clube também obedecem a uma ‘lógica’ e a uma ‘racionalidade’ parecida com a dos amantes. É inútil tentar explicar as alegrias e os sofrimentos provocados pela relação amorosa dos torcedores com seus clubes. Esse amor, como todo ‘amor verdadeiro’ precisa ser intenso. Os torcedores “sofrem emoções como quem sofre golpes. Passam por mil martírios” (PRIORE, 2006: 12). O excesso de amor pode desqualificar o sujeito torcedor para explicar de forma adequada os fenômenos que acontecem durante as partidas, “*afora os fanáticos (aqueles que enxergam tudo distorcidamente pela paixão), todos os demais colorados sabem que o*

*time foi um desastre contra o Juventude e não cabe reclamar da arbitragem*” (DENARDIN, 2008: 14). Esse excesso e sofrimento não diminuem em nada essa relação ou a virtude do amor. No período do Romantismo “muitos começam a se convencer de que ‘amar é sofrer’ e quem não quiser sofrer deve desistir de amar” (COSTA, 1998: 11-12), interpretação contemporaneamente recorrente. Por mais temerário, irracional ou doentio que seja o ‘excesso amoroso’ “Quem participa do jogo amoroso aprendeu que o excesso emocional é imprescindível à idéia de felicidade ou de vida bem-sucedida” (COSTA, 1998: 195).

Dentro da participação nas torcidas de futebol nos estádios, o marcador identitário principal é a simpatia por um clube/time determinado, porém, ele não apaga as disputas internas que acontecem nesses espaços. Ser mais apaixonado que o torcedor da torcida adversária parece ser uma exigência primária. Porém, cada torcedor tem plena convicção de que sua participação, seu envolvimento e seu amor pelo clube é único e melhor que o do torcedor de outros *pedaços*<sup>6</sup> dos estádios ou mesmo do seu lado. Para além da competição pelo maior amor do estádio, estar inserido no contexto de um apaixonado produz efeitos nas representações dos sujeitos “podemos supor que ele [amor] seja cultivado, proclamado como um diferencial, porque se dizer apaixonado é pertencer a um modo de ser específico” (FIGLIUZZI, 2008: 135).

Como podem os torcedores amar um clube/time de futebol que é tão odiado pelos torcedores rivais e indiferentes a uma ampla gama de atores esportivos e futebolísticos? O gremista não ama o Grêmio assim como o colorado não ama o Internacional por suas virtudes, valores ou história. Se fosse esse o caso, ambos são passíveis de serem amados, especialmente por possuírem grande semelhança em suas representações de tradição, história e de títulos. O Internacional para um colorado assim como o Grêmio para um gremista é incomparável, é único. E é justamente o colorado ou

o gremista o responsável por essa atribuição de valor, “não amamos algo ou alguém porque este alguém tem valor; o valor de algo ou alguém é dado porque o amamos” (COSTA, 1998: 198).

### **Atravessamentos amorosos nas construções de masculinidades**

Representações de masculinidades são dos conteúdos mais significativos das práticas dos torcedores de futebol. Para auxiliar-me nas investigações, utilizo o conceito de gênero, entendendo esse como “a forma como (...) características [sexuais] são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa (...) que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico” (LOURO, 2004: 21). Utilizo o conceito de gênero ancorado nos Estudos de Gênero Pós-Estruturalistas e nos Estudos Culturais. (LOURO, 2004, MEYER, 2003 e SCOTT, 1995). Desse lugar teórico, quatro desdobramentos do conceito são significativos. O primeiro aponta para a permanente construção dos sujeitos de gênero, sem que isso seja entendido como um processo linear ou evolutivo. Não existe uma instância que ‘garanta’ masculinidade ou feminilidade *ad infinitum*. Ao contrário, aprendemos de diferentes maneiras, ao longo de nossas vidas, formas adequadas de ‘exercer’ um gênero determinado em diferentes contextos. O segundo desdobramento aponta para a diversidade de possibilidades de vivermos masculinidades e feminilidades em diferentes espaços e tempos. Com isso, o conceito ganha potência quando associado a outros marcadores como classe social, religião, raça/cor... No caso das emoções nos estádios de futebol existe um significativo atravessamento etário nas demonstrações públicas dos sentimentos. A terceira implicação do conceito aborda a relação entre os sujeitos de gênero. As construções de masculinidades possuem na feminilidade o seu oposto, a diferença que trabalha na construção da identidade. Mesmo

em um ambiente em que as disputas entre masculinidades prevalecem, as feminilidades ocupam um lugar menor, o lugar onde o masculino ‘verdadeiro’ ou ‘adequado’ deve afastar-se, a fronteira. A última implicação aponta que as instituições sociais são atravessadas por pressupostos de masculinidade e de feminilidade, o que facilita o entendimento de que o futebol e as manifestações dos estádios estejam ligados com as construções de masculinidades dos sujeitos. Não se nega a presença feminina nos estádios, mas o entendimento é que os homens são mais incitados ou afetados pelos fenômenos futebolísticos que as mulheres.

Em nossa cultura, gênero é um elemento definidor de inteligibilidade, “não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca do seu gênero” (BUTLER, 2003: 27). Apesar disso, as masculinidades como construções culturais são um problema historicamente recente. “Pelo menos na cultura ocidental, a época atual é o primeiro momento em que os homens estão descobrindo que eles próprios são homens, ou seja, possuem uma ‘masculinidade’ problemática” (GIDDENS, 2003b: 69-70).

Naquilo que podemos ou poderíamos chamar de ‘nossa cultura’, masculinidade e emoções não possuem grande proximidade. Em alguns casos será a falta de sentimentos ou de emoções que qualificará, ao menos no senso comum, um homem ‘verdadeiramente homem’. Existe um bom número de limitações para os sujeitos masculinos demonstrarem afetos publicamente nas relações amorosas ou de amizade “incapazes que são de ir além de uma ‘palmada no ombro’” (ORTEGA, 1999: 26-27). A amizade masculina, muito significativa em diferentes momentos históricos, perdeu seu status desde o período vitoriano. “Os sentimentos de camaradagem masculina foram em grande parte relegados a atividades marginais, como o esporte ou outras atividades de lazer, ou ainda a participação na guerra” (GIDDENS, 2003a: 55).

Os esportes, seja na prática ou na fruição, acabam sendo um espaço privilegiado de investigação sobre as masculinidades. Martine Segalen destaca que ele seria a única possibilidade dos homens de fantasiarem, “uma forma primeira de travestimento de sua identidade” (2002: 82). A ideia de travestimento parece bastante produtiva para a análise. No travestimento se escolheram traços marcantes, e por vezes estereotipados, de uma determinada identidade. Esse estereótipo pode apontar para diferentes direções. Os grupos travestidos de esportistas<sup>7</sup> podem representar estereótipos de masculinidade, mas também podem representar estereótipos amorosos.

O amor tem sido experimentado de diferentes maneiras em diferentes culturas e por quase todos os sujeitos. A experiência amorosa poderá ser entendida como condição de felicidade, completude, humanidade... Não se busca tentar mensurar qual o torcedor mais amoroso, afetivo ou apaixonado. Não se pretende dizer quem ama de verdade ou da forma correta seu clube/time. O amor e as emoções coletivas vividas e cantadas pelos torcedores de futebol são interessantes por demarcarem no tempo e no espaço uma manifestação cultural particular e que apresenta formas específicas e pontuais de representação amorosa.

### **Um amor coletivo, as torcidas de futebol**

Integrar uma torcida é associar-se a um grupo que inicialmente exige apenas a simpatia pelo clube/time idêntico. Inicialmente, pois a associação ao grupo não é gratuita. Ela insere o indivíduo torcedor em um grupo identitário, ela subjetiva. As torcidas de futebol colocam os indivíduos em um processo de subjetivação coletiva, “as multidões reunidas nos estádios prestam-se a encenar fenômenos de identidade coletiva” (SEGALLEN, 2002: 76). Em termos etnográficos, seria possível entender as torcidas nos estádios de futebol como uma totalidade que “experimentada e reconhecida pelos atores

sociais, é identificada pelo investigador, podendo ser descrita em seus aspectos categoriais: para os primeiros, é o contexto da experiência, para o segundo, chave de inteligibilidade e princípio explicativo” (MAGNANI, 2002: 20).

Algumas narrativas sobre a participação dos torcedores nos estádios de futebol argumentam que nesses contextos barreiras sociais são reduzidas, diferenças suprimidas e as permissividades ampliadas; seria possível entender que a “efervescência coletiva corresponde [a] uma mudança de personalidade” (SEGALEN, 2002: 87). Algumas descrições mais românticas falam em quebras de barreiras sociais e liberdade total de expressão. Na realidade, como em qualquer contexto de produção de identidades coletivas, as ordens sociais são reorganizadas.

A expressão de sentimentos possui um espaço privilegiado nos estádios de futebol. Os torcedores são inseridos em uma comunidade de sentimento que é afluída pelas falas, odores e cores que produzem a reorganização das identidades e alteridades por aquilo que Arlei Damo (2005) chama de clubismo. Nessa inserção clubística os sujeitos aprendem que emoções podem/devem ser demonstradas, narradas e cantadas. A favor de quem ou contra quem expressões de amor ou de repúdio podem acontecer. Nessa transição não apagamos os demais atravessamentos identitários. Esses atravessamentos, porém, ficam englobados pela lógica do clubismo. Ser torcedor de um clube/time x, y ou z, é a representação mais significativa quando os sujeitos atuam nas arquibancadas e cadeiras dos estádios de futebol. Com forte intensidade emocional, estar em um estádio de futebol e estar identificado com uma determinada torcida.

Nos cânticos esse pertencimento aparece muito ligado a sentimentos: “*Sou, eu sou do Inter/ Um sentimento/ Que não pode acabar*”<sup>8</sup>. Esse pertencimento não provoca uma homogeneização do torcer. Poderão ser todos colorados ou gremistas, mas as formas de participação no estádio de futebol são bastante diversificadas. Esses cânticos,

quase sempre acompanhados por instrumentos de percussão, são originados, em sua ampla maioria, nas torcidas *Popular* do Internacional e *Geral* do Grêmio que localizam-se atrás de uma das goleiras<sup>9</sup> do Beira-Rio e do Olímpico. Esses torcedores acompanham as partidas em pé, pulando e cantando ininterruptamente durante boa parte do confronto, diminuindo sua intensidade apenas no intervalo dos mesmos. Esse tipo de comportamento não é acompanhado por outros torcedores, como, por exemplo, o das cadeiras, que nos dois estádios acompanham a maior parte das partidas sentados e fazendo intervenções pontuais de xingamentos ao árbitro, ao adversário e também aos jogadores e treinadores de suas equipes.

Entendo que o conceito de *pedaço*, conforme proposto por José Guilherme Magnani auxilia a pensar essa relação do torcedor com os diferentes locais dos estádios. Os componentes da *Popular* ou da *Geral*, mas também os sócios ou os locatários de cadeiras não frequentam esses espaços apenas por possibilidades financeiras ou por conhecerem as pessoas que ali circulam, mas portam os mesmos símbolos “que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes” (2002: 22). Dentro desses diferentes *pedaços* se ensinam e aprendem comportamentos específicos e bastante restritivos, “o componente espacial do *pedaço*, ainda que inserido num equipamento ou espaço de mais amplo acesso, não comporta ambigüidades desde que esteja impregnado pelo aspecto simbólico que lhe empresta a forma de apropriação característica” (MAGNANI, 2002: 22).

A participação dos torcedores da *Geral* ou da *Popular* assemelha-se a forma de comportamento das *hinchadas* argentinas, onde

(...) la fidelidad al equipo sin importar la situación por la que este atravesase, el fervor probado a través de cantos y saltos, son los instrumentos identificatorios de los simpatizantes con la *hinchada*. Aquellos sujetos que quieran ser reconocidos como parte de la *hinchada* deben llevar a cabo estas formas de actuar que son comunes a todos los integrantes (ZUCAL, 2005a: 41-42).



*“Eu sou do grêmio, senhor (graças a Deus)/Cantamos todos com alegria/Mesmo não sendo campeão/ O sentimento não se termina”*. Outra referência importante que aproxima os cânticos das torcidas gaúchas e argentinas é o uso de entorpecentes: *“E depois de me chapar e a cerveja acabar”*. No Beira-Rio visualizei também uma faixa em frente a *Popular* com a frase: *“Estão todos bêbados”*. “La referencia al consumo de drogas y alcohol no se limita a los cânticos. También, las banderas que los simpatizantes llevan a los estadios hacen referencia a estos estados alterados” (ZUCAL, 2005b: 63).

A lógica do amor apaixonado também aumenta a possibilidade de entendimento das ações dos sujeitos torcedores. Aparentemente o maior conforto dos estádios está na cadeira, onde o assento e o encosto são mais adequados para a assistência do futebol. Porém, as torcidas que requerem o direito de mais apaixonadas assistem aos jogos em pé e atrás das goleiras, com um campo de visão prejudicado. A avalanche da Geral do Grêmio pode causar, inclusive, alguma lesão em seus integrantes. Porém, não é a prudência o elemento fundamental das relações apaixonadas entre os torcedores e os clubes. “O amor apaixonado é especialmente perturbador das relações pessoais, em um sentido semelhante ao do carisma; arranca o indivíduo das atividades mundanas e gera uma propensão às opções radicais e aos sacrifícios” (GIDDENS, 2003a: 48). Além disso, “quem participa do jogo amoroso aprendeu que o excesso emocional é imprescindível à idéia de felicidade ou de vida bem-sucedida” (COSTA, 1998: 195). O ‘torcedor feliz’ se expõe, pois necessita de intensidade, ele precisa correr riscos, para comemorar com entusiasmo uma vitória, ele tem de ser capaz de chorar infantilmente uma derrota.

Diferentes atores do espetáculo futebolístico chamam as torcidas de nação (nação colorada ou nação gremista). Nesse sentido, a atuação das torcidas de futebol

pode ser aproximada do que se encontra em lutas políticas de etnicidade<sup>10</sup>. Nos estádios os torcedores cantam o valor do clube/time e da própria torcida. Eles afirmam sua honra, muitas vezes em contraponto a falta da mesma na torcida adversária. Assim como nos confrontos étnicos, a exacerbação de sentimentos poderia levar a uma explosão de violência. Mesmo quando os confrontos físicos não acontecem, suas promessas são frequentes. Aparentemente a violência atravessa as narrativas dos torcedores: *“Nós odiamos o Grêmio, nós odiamos o Grêmio”*. Um confronto físico parece estar sempre presente ao menos como possibilidade para a manutenção dos valores e dos sentimentos masculinos. Além da valorização dos símbolos de seus clubes, os torcedores desvalorizam o patrimônio do adversário: *“Eu só quero vencer lá no chiquero/ Que se foda a torcida do Internacional”*.

Curiosamente, nos estádios de futebol, contexto de intensa homofobia e violência potencial, aparecem grandes manifestações públicas de sentimentos e de afetos masculinos. Formas de afeto ambíguas são, nesse contexto, permitidas. Dentro do ritual das torcidas, nessa masculinidade torcedora exercida dentro dos estádios aparecem uma série de ações não comuns no âmbito de uma masculinidade viril e guerreira tradicional e também muito presente nas representações dos torcedores de futebol. Poetas e outros homens mais ‘preocupados’ com o amor possuem uma masculinidade sob suspeita dentro desse entendimento de masculinidade tradicional. Os torcedores do Grêmio cantam e dançam a música Pingos de Amor, que diz assim: *“A vida passa eu telefono e você já não me atende mais (Grêmio! Grêmio!)/ Será que já não temos tempo nem coragem de dialogar... (Grêmio! Grêmio!)/ Ainda ontem pela praia alguma coisa me lembrou você! (Grêmio! Grêmio!)/ E veio a noite namorados se beijando e eu estava só... (Grêmio! Grêmio!)/ Vamos ser, outra vez nós dois.../ Vai chover, pingos de amor!/. Além disso, nos estádios de futebol, demonstrações de afetos*

entre homens parecem não causar o mesmo impacto que em outras esferas da cultura. Arlei Damo entende que isso ocorre pela transição dos torcedores, essa alteração de estado que ocorre durante as partidas, especialmente nos estádios,

(...) em nossa cultura, são raros os espaços públicos nos quais os homens se permitem demonstrações de afeto, sobretudo entre iguais. Sem a transição que ocorre a caminho do estádio, uma espécie de percurso liminar que determina a transição de indivíduo à pessoa, do cidadão com nome e endereço para o anônimo (ou parcialmente anônimo) colorado [ou gremista], a espetacularidade não se instaura (DAMO, 2005: 402).

Nos estádios, apesar de que apenas os jogadores joguem o jogo dentro das quatro linhas em dois tempos de quarenta e cinco minutos cada, os torcedores atuam em sua própria disputa. Das arquibancadas e cadeiras podemos ouvir os valores constantemente disputados. Em disputa podem aparecer jogos de classe dos torcedores ‘empregadores’ contra os atletas ‘funcionários’, jogos de gênero para saber que torcida é mais masculina que a outra e também jogos de afetividade. Mesmo que a afetividade e as narrativas amorosas ocupem um lugar de destaque menor nos estádios de futebol, quando a ‘nossa torcida’ ama deve amar mais e melhor que a torcida adversária.

Nessa produção de representações da relação entre os torcedores e seus clubes, o amor aparece como um elemento agregador, positivo. A ampla maioria das representações amorosas acrescenta adjetivos distintivos aos amores. O amor hierarquicamente superior é o que se poderia entender como o ‘amor verdadeiro’. Nos estádios também conseguimos visualizar o ‘bom amor’. Somente a nossa torcida conhece o ‘verdadeiro amor’. O adversário não sabe amar. O amor de um gremista ou de um colorado, supostamente, jamais será entendido ou ‘sentido’ do mesmo modo por outro torcedor, uma vez que a discursividade amorosa faz com que os sujeitos acreditem que ninguém será capaz de amar como eles, como por exemplo, no cântico da torcida do Grêmio: “*Olha a festa macaco/ Torcida é coração/ Quem não canta é amargo/ Nunca vai sair campeão/ Inter cagão*”. Muito também, porque o clube/time rival não parece

ser capaz de despertar o amor. Uma vez que o amor preenche de adjetivos o objeto amado, um objeto desprovido de virtudes pode ser inviável de ser amado. Dentro desse amor verdadeiro, “a paixão desinteressada do torcedor provoca perplexidade (...). A paixão do torcedor aproxima-se da paixão dos amorosos, com a diferença de que ela tende a durar muito mais” (FAUSTO, 2010: 141).

No futebol o homem jura amor eterno ao seu clube. “*Sou Colorado e nada muda este sentimento /Porque é nas más que eu demonstro que te amo igual*”. Esse amor obedece a algumas regras do amor romântico e não pode ter fim. Algumas canções das torcidas fazem “a vinculação do amor-paixão-sacrifício (...) associado a ideia de que o amor verdadeiro jamais acaba” (FELIPE, 2007: 33). Cantam assim: “*Mesmo não sendo campeão/ O sentimento não se termina/ É tricolor, e dale tricolor*”; “*Colorado é coração./ Trago, amor e paixão./ Pra sempre Inter!*”.

Para honrar esse amor, os torcedores ‘jogam’ junto com a equipe, torcem incondicionalmente, talvez não façam gols (o que não tenho muita convicção), mas como grandes apaixonados, estão dispostos a grandes sacrifícios, eles participam ativamente e se entregam por inteiro nas disputas: “*E vamos Inter que temos que ganhar/ Daria a vida por um campeonato, uma taça a mais!*”. O envolvimento emocional dos torcedores com suas manifestações podem provocar uma série de reações nos próprios atletas no campo de jogo.

(...) no campo esportivo (...) o incentivo mútuo entre os atletas e a torcida ruidosa acaba por influir na melhora do desempenho do time da casa a um nível bem superior ao que havia demonstrado antes e que dera origem às manifestações da torcida. Ao crescendo da torcida corresponde uma série rápida de jogadas do time local. O time visitante, composto de atletas de igual gabarito, perde por um instante o estímulo e a animação, como se perdesse o ritmo do jogo; realmente parece que sua energia física se esvaiu, enquanto o time da casa adquire uma energia mais forte, um entusiasmo, uma ousadia e uma habilidade que mais tarde surpreendem os próprios atletas. A proximidade física da torcida nos jogos de basquete faz com que este esporte evidencie, mais do que outros, esse demônio de inspiração atlética. A chamada vantagem do “mando de jogo” aplica-se perfeitamente a esse jogo. (Pode-se dizer o mesmo das partidas de futebol no Brasil.) (TAMBIAH, 1997: 18).

A participação do torcedor nos estádios acontece pela junção de diferentes sujeitos em uma identidade, que nesse contexto é intensificada. Mesmo quando um torcedor evoca individualmente algum cântico ou mesmo um grito, essa manifestação será avaliada pelos demais torcedores. Para que o cântico se espalhe ou para que o torcedor não sofra nenhuma reprimenda pelo seu grito, este deverá enquadrar-se na lógica do que é permitido ou não de ser dito naquele contexto.

### **O amor como a inteligibilidade do torcedor**

As emoções aparecem como uma possibilidade privilegiada de resistência contra masculinidades tradicionais nos estádios de futebol. Essa resistência reforça o caráter contingente das construções de masculinidades, o que permite minar alguns entendimentos de senso comum em que apontariam para alguma ‘essência masculina’. Seria, porém, ingênuo acreditar que existe uma quebra das restrições quanto aos afetos entre homens nos estádios de futebol. Quando os torcedores se abraçam, não se abraçam sujeitos tão desconhecidos assim e a qualquer momento. O amor ao clube é cantado por quase todos no estádio (por uns com maior intensidade que outros), porém os toques parecem mais restritos. É possível visualizar, inúmeras vezes, torcedores que comemoram um gol absolutamente sozinhos em meio à multidão. Além disso, o abraço do gol não parece possível, por exemplo, entre um torcedor e os vendedores ambulantes dos estádios, além de estarem temporalmente restritos aos gols e as vitórias.

Ao mesmo tempo em que o amor e as emoções são um marcador a mais na construção de representações dos torcedores de futebol, elas também podem reforçar a competição masculina. O amor que resiste a algumas práticas machistas e homofóbicas dos estádios de futebol também hierarquiza as masculinidades. Mesmo que o amor não seja o atravessamento mais significativo da masculinidade do torcedor de futebol, se for

para amar, a nossa torcida tem o dever de amar mais que a torcida adversária para ser melhor e mais masculina que ela, *“Te amo Inter, não somos como os putos da série B”*.

Discutir as emoções, as construções identitárias e de gênero é um processo importante de historicização e contextualização das representações dos diferentes conceitos, procurando desnaturalizá-los. Conceitos fixos ou tomados como dados dificultam as problematizações e dão suporte a um entendimento estanque das diferentes culturas e representações identitárias. Nesse sentido, minha proposição foi discutir um dos conceitos mais definitivos no senso comum, que pode dar ‘humanidade’ aos sujeitos, o conceito de amor, apontando que ele

(...) foi inventado como o fogo, a roda, o casamento, a medicina, o fabrico do pão, a arte erótica chinesa, o computador, o cuidado com o próximo, as heresias, a democracia, o nazismo, os deuses e as diversas imagens do universo. Nenhum dos seus constituintes afetivos, cognitivos ou conotativos é fixo por natureza (COSTA, 1998: 12).

Por mais que todos possam supor o que é o amor e as adequadas formas de amar, diferentes culturas apresentam entendimentos diversos sobre o que é o amor e o que é passível ou não de ser amado.

O amor não é um sentimento que existe fora do tempo e do espaço. É uma emoção histórica, culturalmente codificada e sujeita às transformações impostas pela variação das circunstâncias. O amor é uma forma de interação emocional e de construção de identidades pessoais totalmente moderna. Ele envolve idéias específicas sobre sexo, gênero, casamento, impulsos biológicos, sentido da vida etc. (COSTA, 1998: 202).

Mesmo que assistir aos jogos seja uma atividade interessante e que os espectadores possam frequentar espaços dos mais variados, a participação da torcida nos estádios é uma experiência diferenciada. Mais do que estar cercado de outros torcedores, nos estádios a experiência afetiva envolve os sujeitos de uma maneira particular. Mas isso não ocorre de forma gratuita com qualquer torcedor assistindo qualquer confronto. “Para que as emoções de um jogo possam ser vividas plenamente é importante sentir-se parte de uma das agremiações que integram o ritual agonístico, mas isso não é suficiente. O pertencimento precisa ser mobilizado, quer dizer, sensibilizado

e a florado” (DAMO, 2005: 389). Além de definir-se por um dos dois nos confrontos, é necessário participar desse processo ritual. Auxilia bastante estar com as cores do clube/time/torcida. Outra forma de pertencer a esse coletivo é colocar em jogo os valores associados as trocas simbólicas desse espaço.

Os cânticos de amor, os ‘conteúdos ensinados’ ao ‘verdadeiro torcedor’ nos estádios ajudam a mobilizar o pertencimento. Não se deve amar a qualquer um e de qualquer forma, alguns atletas podem ser mais amados do que outros, “não existe como descrever o que é o amor sem prescrever, ao mesmo tempo, normas ideais de experiência amorosa” (COSTA, 1998: 160). Dentro da perspectiva pós-estruturalista, as identidades são múltiplas, fragmentárias, cambiantes... Aparentemente apenas o clube de futebol não pode/deve ser trocado. A associação de amor ao clube ajuda a entender essa eternidade:

(...) sem a força dos meios tradicionais de doação de identidade – família, religião, pertencimento político, pertencimento nacional, segurança de trabalho, apreço pela intimidade, regras mais estritas de pudor moral, preconceitos sexuais, códigos mais rígidos de satisfação sensual etc. -, restou aos indivíduos a identidade amorosa, derradeiro abrigo num mundo pobre em Ideais de Eu (COSTA, 1998: 20).

O amor dos torcedores de futebol, especialmente dos torcedores de estádio, é um amor específico, um amor em atuação, um amor, cantado, narrado e sentido de forma coletiva. Os torcedores amam junto, os torcedores amam com seus familiares, amam entre homens. Amam o clube, o time, os jogadores e a própria torcida. É um amor que poderia ser aproximado ao amor a pátria, mas que também segue regras de um amor heteronormativo de casal. Amar ao clube é pertencer a uma comunidade afetiva, é demonstrar a eternidade do amor, é ser melhor torcedor por amar mais o seu clube que o torcedor adversário. Dentro da própria torcida, quanto mais apaixonado, o indivíduo poderá requerer a condição de mais torcedor.

A paixão e o fervor dos torcedores os afastam do que pode ser costumeiramente entendido como lógico e razoável. A paixão os descredencia a dar opiniões sobre as

partidas assim como os fazem enfrentar preços abusivos, viagens desgastantes e o desconforto da maioria dos estádios brasileiros. Talvez a realidade do torcedor de futebol no Brasil não esteja exatamente preocupada com os preceitos lógicos e de razoabilidade. Talvez as análises estejam considerando outras perspectivas de realidade. “A paixão amorosa cria uma realidade tão real quanto qualquer outra. O fato de não se orientar pelo protocolo do empirismo do tipo científico não torna o amor nem mais nem menos real do que qualquer outra atividade humana” (COSTA 1998: 198). Se estivermos preocupados com lógica, realidade ou verdade, não poderemos nos furtar de observar como o amor se relaciona com as práticas dos torcedores de futebol.

---

<sup>1</sup> Utilizo aspas simples no texto quando procuro fazer algum destaque ou utilizar as palavras com outros sentidos que não os convencionais; o uso de aspas duplas aparecem quando utilizo citações, palavras e/ou expressões de outros autores.

<sup>2</sup> De agora em diante refiro-me aos clubes apenas como Grêmio e Internacional.

<sup>3</sup> Gre-Nal é o termo utilizado para as partidas entre Grêmio e Internacional, além de ser utilizado, quando antecipado do termo dupla, para referir-se aos dois clubes.

<sup>4</sup> “(...) vale a pena distinguir o torcedor individual da torcida – um ser coletivo, nascido dos indivíduos, mas inexplicável se tomado como simples soma destes” (FAUSTO 2010: 146).

<sup>5</sup> Quando as citações referirem-se a cânticos ouvidos nos estádios, faixas ou material dos jornais serão grifados em itálico para fazerem uma diferenciação das referências bibliográficas.

<sup>6</sup> O conceito de pedaço será discutido na seção *Um amor coletivo, as torcidas de futebol*.

<sup>7</sup> Para esse trabalho, esportistas são aqueles que praticam efetivamente os esportes e aqueles que estão envolvidos nas trocas simbólicas que determinadas práticas esportivas produzem e representam.

<sup>8</sup> A forma gráfica como escrevi as letras dos cânticos é igual a dos sites das torcidas Popular do Internacional (<http://www.guardapopularcolorada.com/>) e Geral do Grêmio (<http://www.ducker.com.br>).

<sup>9</sup> Goleiras é a forma como as balizas são chamadas no Rio Grande do Sul.

<sup>10</sup> Ver TAMBIAH 1997.

## Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. 2007. O *habitus* e o espaço dos estilos de vida. In: BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP: 162-211.

BROMBERGER, Christian. 2008. As práticas e os espetáculos esportivos na perspectiva da etnologia. In: *Horizontes Antropológicos. Antropologia e esporte*. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, ano 14, n. 30, jul./dez: 237-253.

BUTLER, Judith. 2003. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

COSTA, Jurandir Freire. 1998. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.



---

DAMO, Arlei Sander. 2006. “O ethos capitalista e o espírito das copas”. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud (Orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto: 39-72.

DAMO, Arlei Sander. 2005. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, Porto Alegre.

DAMO, Arlei Sander. 2002. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS).

DENARDIN, Pedro Ernesto. 2008. Sem choradeira. *Diário Gaúcho*. Porto Alegre, 15 e 16 mar. Pedro Ernesto: 14.

FAUSTO, Boris. 2010. De alma lavada e coração pulsante. In: *Revista de História*. São Paulo: FFLCH/USP n. 163, jul./dez.: 139-148.

FIGLIUZZI, Adriza. 2008. Contemplar paixões: uma performance do amor romântico. In: FIGLIUZZI, Adriza. *Homens sobre rodas: representações de masculinidades nas páginas da revista Quatro Rodas*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da UFRGS, Porto Alegre: 135-141.

FELIPE, Jane. 2007. “Do amor (ou de como galmourizar a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade”. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa et al (Org.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: discutindo práticas educativas*. Rio Grande: Editora da FURG: 31-45.

FOUCAULT, Michel. 2000. Nietzsche, Freud, Marx. In: FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Ditos & Escritos II*. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 40-55.

GEERTZ, Clifford. 1989. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”. In: GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan: 13-41.

GIDDENS, Anthony. 2003a. “O amor romântico e outras ligações”. In: GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP: 47-58.

GIDDENS, Anthony. 2003b. “Amor, compromisso e o relacionamento puro”. In: GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP: 59-75.

KONDER, Leandro. 2007. Drummond: “sou e não sou, mas sou”. In: KONDER, Leandro. *Sobre o amor*. São Paulo: Boitempo: 149-154.

LOURO, Guacira Lopes. 2004. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 7ª ed.

- 
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2002. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49: 11-29.
- MAUSS, Marcel. 1979. “A expressão obrigatória dos sentimentos”. In: OLIVEIRA, Roberto Carsoso de (Org.). *Marcel Mauss*. São Paulo, Ática: 147-153.
- MEYER, Dagmar E. Estermann. 2003. “Gênero e educação: teoria e política”. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis: Vozes: 9-27.
- MIRZOEFF, Nicholas. 2003. “Introducción. ¿Qué es la cultura visual?” In: MIRZOEFF, Nicholas. *Una introducción a la cultura visual*. Barcelona: Ed. Paidós Ibérica: 17-61.
- ORTEGA, Francisco. 1999. Amizade como exercício político. In: ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume-Dumara: 49-107.
- PRIORE, Mary Del. 2006. *História do amor no Brasil*. 2. ed. – São Paulo: Contexto.
- PUSSETI, Chiara. 2006. Emoções migrantes: afinidades e diferenças como factos políticos. In: *3º Congresso da APA (Associação Portuguesa de Antropologia)*. Lisboa, 6 a 8 de abril.
- REZENDE, Claudia Barcellos. 2002. “Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções”. *Mana*, v. 8, n. 2: 69-89.
- SCOTT, Joan. 1995. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação & Realidade. Gênero e Educação*. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v.20, n.2, jul/dez: 71-99.
- SEGALEN, Martine. 2002. “Homens, esportes ritos”. In: SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: FGV: 69-90.
- TAMBIAH, Stanley. 1997. “Conflito etnonacionalista e violência coletiva no Sul da Ásia”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 12, n. 34: 5-37.
- VERÍSSIMO, Luis Fernando. 2010. Infantilidades. In: VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Time dos sonhos: paixão, poesia e futebol*. Rio de Janeiro: Objetiva: 25-26.
- ZUCAL, José Garriga. 2005a. “Soy macho porque me la agüento: etnografia de las prácticas violentas y la conformación de identidades de género masculino”. In: ALABARCES, Pablo (Org.). *Hinchadas*. Buenos Aires: Prometeo Libros: 39-58.
- ZUCAL, José Garriga. 2005b. “Pibitos chorros, fumacheros y con aguante: el delito, las drogas y la violencia como mecanismos constructores de identidad en una hinchada del fútbol”. In: ALABARCES, Pablo (Org.). *Hinchadas*. Buenos Aires: Prometeo Libros: 59-72.